

## **Os seres da/na cidade: experiência vivida no vilarejo Passo dos Negros, Pelotas/RS**

**Daniel Vaz Lima<sup>18</sup>, Flávia Rieth<sup>19</sup> & Louise Prado Alfonso<sup>20</sup>**

**Resumo:** A experiência vivida na localidade do Passo dos Negros – pequeno vilarejo localizado às margens do canal São Gonçalo em Pelotas/RS -motiva uma série de reflexões acerca do fazer cidade por meio das interações entre os humanos e os outros animais. Nos deparamos com um lugar onde, desde há muito tempo, estes coletivos coexistem de forma constante e próxima, constituindo diferentes modos de habitar. Remonta à época das charqueadas, em que a região se configurou como um contexto de circulação das tropas de gado bovino, tocadas a cavalo e cães, que cruzavam a região em direção aos abatedouros localizados às margens dos rios. Atualmente, ao vivenciar o lugar, percebemos em nossa volta a presença e circulação de animais junto às outras pessoas, automóveis e motocicletas. Observamos diversos cavalos e vacas presos por cordas a beira das valetas ou pastando pelas áreas de campo. Cruzamos por pessoas montadas em cavalos e por diversos cães soltos circulando pelas estradas, trazendo a sensação de outras temporalidades, outros modos de habitar a cidade. Assim, a proposta consiste em perceber os animais não humanos, em um aspecto relacional, como detendo um modo de viver em interação, que não necessariamente está vinculado aos humanos. O texto propõe descrever etnograficamente a composição desse contexto dentro de um processo histórico e cultural.

**Palavras-chave:** Humanos e outros animais, modos de habitar, cidade.

### **1 – Introdução**

Ao propormos como título desta narrativa a seguinte frase “os seres da/na cidade”, certamente estamos indicando uma referência ao vídeo etnográfico “Os seres da mata e suas vidas como pessoas”

---

18      Doutorando – Pós-Graduação em antropologia na Universidade Federal de Pelotas PPGAnt/UFPel.

19      Docente - Pós-Graduação em antropologia na Universidade Federal de Pelotas PPGAnt/UFPel.

20      Docente - Pós-Graduação em antropologia na Universidade Federal de Pelotas PPGAnt/UFPel.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

(DEVOS et al, 2010) em que os autores apresentam a relação estabelecida entre os guarani com os animais (os seres da mata). Em determinado momento o cacique diz que as pessoas não sabem o que representam “aqueles bichinhos” para os guarani, considerando que cada ser tem uma história relacionada a um processo de transformação. Todos eram seres humanos e num determinado momento se transformaram em outro ser, ao passo que alguns, mantêm uma proximidade de parentesco. Os seres da mata compartilham com os guarani o ambiente e o movimento do tempo – por exemplo, o cardeal anuncia o amanhecer e é somente depois que ele canta que os guarani podem se levantar. Assim, partir da referência deste outro contexto de interação e compartilhamento de vidas entre humanos e outros animais, elaboramos este texto nos desafiando a uma reflexão etnográfica sobre os animais não humanos em contextos urbanos e suas maneiras de construir a cidade enquanto seres, agentes e viventes cidadãos. O texto é resultado de um conjunto de pesquisas que viemos elaborando acerca da presença dos animais nos ambientes urbanos, tendo como contexto as cidades pampeanas.

Nesse sentido, este texto etnográfico se insere em processo que se inicia a partir da pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – lidas campeiras na região de Bagé/RS<sup>21</sup> em que fora apontado a presença dos animais constituindo os contextos urbanos. Esta presença se dava pela dinâmica de circulação dos trabalhadores campeiros, arraigada em um modo de ser e viver - que adentra os contextos urbanos – de estreitas relações entre humanos e outros animais (SILVA, 2013; LIMA, 2014). Por conseguinte, tem-se nossa participação no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos<sup>22</sup> (GEEUR) sendo um grupo de pesquisa e extensão que, no projeto de 2016, atentou para as diferentes dimensões de uma cidade plural aprofundando as reflexões sobre as fronteiras e as margens enquanto territorialidades específicas da cidade e constituídas sob as dinâmicas de diferentes produções de sentido e também sob a experiência urbana dos cidadãos (GEEUR, 2016). Em síntese, as discussões que fazíamos enquanto grupo atentavam para as diferentes maneiras de “fazer a cidade”.

---

21 Equipe de pesquisa: Prof<sup>a</sup>. Flávia Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima; os consultores: Prof<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni (consultora em Imagem), Prof<sup>a</sup>. Erika Collisson (Consultora em Geografia), Prof. Fernando Camargo (Consultora em História); e os colaboradores: Vanessa Duarte, Camile Vergara, Cristiano Lemes da Silva, Fabíola Mattos Pereira, Thais Pedrotti, Tiago Lemões, Prof<sup>a</sup> Karen Mello (FURG).

22 Na edição 2016 fora coordenado pelo Prof. Francisco Pereira Neto.



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Vinculado ao GEEUR o projeto de extensão intitulado “Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”<sup>23</sup> mescla, a partir da experiência vivida no vilarejo Passo dos Negros – Pelotas/RS, perspectivas da arqueologia pública com a antropologia urbana, com vistas a reflexões sobre processos de vulnerabilidade e exclusão, sobre os modos de habitar, sobre territorialidades e buscando compreender como são significados os processos históricos, entrelaçando trajetórias de vida com a história local. Além disso, propõem-se identificar as formas de ocupação do lugar, as diferentes relações com o Estado e as políticas públicas, as disputas de interesses, enfatizando os modos de viver dos grupos marginalizados em relação à cidade.

Estas concepções, costuradas em nossas experiências acadêmicas para um olhar sensível às múltiplas maneiras de se fazer a cidade no Passo dos Negros, para além do ato exclusivamente humano, mesclou-se à nossa experiência em campo que atentou, inicialmente, para a presença e circulação de cavalos (LIMA et al, 2016). Posteriormente, foi-se constituindo a percepção de um contexto marcado pela presença de outros animais, junto às pessoas, carros e motocicletas que, em seus fluxos e movimentos, nos motivou a ampliar as reflexões acerca do fazer cidade por meio das interações entre os humanos e os outros animais. Portanto, esta proposta consiste em perceber os animais não humanos em um aspecto relacional, como detendo um modo de viver em interação, que não necessariamente está vinculado aos humanos. O texto propõe descrever etnograficamente a composição do vilarejo Passo dos Negros dentro de um processo histórico e cultural.

### **2. A cidade e suas margens**

Desenhar uma “cidade múltipla”. Eis a noção que Michel Agier (2011; 2015) concebe à uma antropologia que se debruça a uma pesquisa urbana. Por conseguinte, é uma cidade desenhada pelos antropólogos por meio de uma junção de experiência pessoal com experimentação teórica de alguns conceitos e modos de observar. Portanto, a antropologia da/na cidade propõe estabelecer um diálogo com definições normativas, estatísticas e urbanísticas, enfatizando a possibilidade de uma pesquisa relacional, local e micrológica buscando, assim, uma cidade contextualizada, ou seja, uma cidade vivida, desterritorializada e em movimento (AGIER, 2011). Tal concepção alimenta uma infinidade

---

23 Coordenado pela Professora Louise Prado Alfonso.



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

de problemáticas híbridas, complexas, sendo fonte para repensar as teorias da antropologia geral. O ponto de vista do antropólogo sobre a cidade se dá pela convivência do(s) pesquisador(res) com os diversos grupos e lugares, levando em conta suas experiências e práticas de “fazer cidade”. A proposta é descrever a cidade por meio de “situações etnográficas” – cidade enquanto um “todo decomposto” percebido e vivido em situação (idem, 2011, p. 38).

Nesse sentido, ao invés de nos questionarmos “sobre o que é a cidade”, atentamos para uma descrição “sobre o que faz a cidade”. Enquanto um processo vivo e em constante (trans)formação, desafia os antropólogos a vivenciarem as “múltiplas maneiras de ‘fazer cidade’” (AGIER, 2011, p. 41). “A cidade é feita de movimento” de transformação permanente no tempo e no espaço (idem, 2015, p. 484). Por conseguinte, Agier ressalta olharmos, não para o que se perde nas fronteiras da “não cidade” – cidade desterritorializada -, mas o que aí nasce. Isso nos leva a uma “etnografia das margens”, entendendo a margem não como fato cultural, social ou geográfico, mas, em uma oposição epistemológica e política, “aprender o limite do que existe” (idem, 2015, p.487). O que é vivido nestes lugares precários e extraterritoriais? Bairros populares, ocupações constituem-se enquanto lugares em construção permanente. No caso específico das ocupações urbanas – caso de nosso estudo – constitui a maneiras dos excluídos exercerem seu direito à cidade em suas presenças recalcitrantes.

Entretanto, a experiência etnográfica no Passo dos Negros nos levou à percepção de que não somente as presenças recalcitrantes humanas que (des)fazem o lugar, mas também de outros animais, que detém um modo de viver em interação, que não necessariamente está vinculado aos humanos, mas que se constitui enquanto experiência de habitar. Humanos e outros animais tem suas experiências cruzadas produzindo a cidade o que pode ser apreendido por meio de uma etnografia multiespécie (SEGATA, 2015). Enquanto uma questão emergente na antropologia a “virada animalística” é um movimento de construção de etnografias cujo o olhar atenta para o lugar que os animais não humanos ocupam na composição do social (SEGATA, 2015). Esses trabalhos se inserem nos debates que questionam a ontologia do ocidente pautado nas distinções cartesianas - sob o rótulo da distinção entre natureza e sociedade - sendo uma delas a distinção entre humanidade e animalidade. A animalidade, assim, foi definida como uma deficiência daquilo que nós, humanos, supostamente temos, tais como linguagem, razão e consciência moral (INGOLD, 1995). Nessa ontologia, os animais não humanos são considerados autômatos, não dotados de capacidade subjetiva e de um propósito consciente em seus atos (INGOLD, 1989). Nesse sentido, estava teoricamente



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

impossibilitada a sociabilidade entre humanos e os outros animais a não ser sob o efeito de projeções simbólicas construídas pelos primeiros enquanto os detentores, por excelência, de cultura.

Questionando tais distinções, a antropologia simétrica, propõe uma visão alternativa de social como vocábulo para “uma série de associações entre elementos heterogêneos” (LATOURE, 2012, p. 23) formando, assim, uma rede interligada de atores humanos e não humanos. A questão não está em levantar a priori uma distinção e muito menos uma simetria, mas em atentar, a partir das relações estabelecidas, à maneira como os não humanos tem agencia nas relações. Desta forma, adota-se a compreensão de que eles também são atores, ou seja, exercem influência na composição de determinada configuração social sendo um esforço de multiplicar e diversificar os agentes para além do ato humano.

Todo o antropólogo está constantemente repensando e reinventando a antropologia sendo a etnografia, mais do que um método, uma “formulação teórico-etnográfica” (PEIRANO, 2014, p. 383). E essas constantes reanálises que fazemos dos textos etnográficos são formas de dar voz às experiências daqueles que nos antecederam – sejam os etnógrafos, sejam seus interlocutores - e nos fazer refletir. O etnógrafo está constantemente disposto a deixar-se ensinar pelas pessoas com quem vivencia, aprendendo as possibilidades dos modos de ser e, é nesse movimento, que se constitui o nosso saber e modo de fazer. Esses encontros da teoria com a experiência fazem da antropologia um constante “tornar-se”, uma teoria vivida (PEIRANO, 2008). Assim, esta pesquisa se insere no conjunto dos demais trabalhos que compõem o projeto atentando para a multiplicidade de possibilidades de se “fazer a cidade” a partir dos diversos agenciamentos dos humanos e dos não humanos.

Nesse sentido, que retomamos Agier (2011) ao enfatizar que o antropólogo desenha a cidade entrelaçando experiência pessoal com conceitos e modos de observar. Entretanto, discordamos do autor em sua concepção, baseada em Geertz (1989), de olhar a cidade por cima do ombro dos cidadãos. Neste passo que pensamos a partir de Roy Wagner (2010) que entende o trabalho de/no campo como uma experiência do antropólogo em que, por meio dos seus próprios universos de significados, identifica novas possibilidades de se viver a vida. Assim, experienciamos e cidade enquanto também habitantes dela e o trabalho de campo é uma troca de aprendizagem que leva a uma invenção da cidade e da antropologia. Vivenciamos o contexto da região do Passo dos Negros, caminhando pelas estradas, conversando com as pessoas, sentindo as coisas e os lugares, o que nos



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

levou a reconstruir e vivenciar a memória e a história da cidade de Pelotas. Além disso, realizamos uma etnografia coletiva (PEREIRA et al, 2015) onde as diversas etapas do trabalho de campo são realizadas de maneira coletiva, constituindo diferentes relações entre pesquisadores e os diferentes grupos que habitam o lugar. Uma etnografia coletiva possibilita diferentes formas de perceber o contexto tornando o conhecimento um processo multidisciplinar.

Caminhar junto aos outros caminhantes, – nas palavras de De Certeau (1998, p. 171) – “praticantes ordinários” do lugar e “cujo o corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo”, remete aos traços deixados por quem passou pelo lugar. A experiência de uma visita à localidade do Passo dos Negros consiste numa forma de reconstruir e conhecer - por meio das pessoas e suas histórias - a memória e a história da cidade de Pelotas.

A região do Passo dos Negros está inserida no roteiro terrestre da “rota das charqueadas” - lei número 4497, de 14 de outubro de 2003. O art 1º entende tal roteiro como “referência de fatos históricos e de bens materiais e imateriais pertencentes à cultura do ciclo econômico do charque no Município de Pelotas”. Em contraponto, apesar de ser uma região de referência cultural da cidade, a mesma encontra-se em processo de abandono pelo poder público local – sem redes de esgoto, sem rede de luz elétrica e água. É parte da história pelotense levando a um passado de esplendor da elite – pelo auge das indústrias saladeiras de carne bovina e pelo suntuoso engenho de arroz marcando um novo ciclo econômico do Rio Grande do Sul-, e ao mesmo tempo de um passado de escravidão para aqueles em processo de exclusão considerando a existência de uma ponte de pedra construída pelos negros escravizados (ALFONSO et al, 2015).

Ao longe os prédios novos que buscam um sentido de “modernidade” para a cidade. Prédios bonitos e altos contrastam com os campos baldios, pequenas casas que habitam o local, sendo muitas feitas de madeira. Mas a cidade avança sobre o lugar, considerado no seu plano diretor como um “vazio urbano”, e os prédios – em construções - se apresentam cada dia mais perto. A existência de um condomínio de classe média marca esta presença. O Passo dos Negros é constantemente ameaçado, de um lado, pelo canal São Gonçalo com as suas águas correntes que espreitam a cidade ansiosas para preencher os vazios da cidade que tenta domesticá-la, e de outro, o capitalismo imobiliário que, aparado em segregação, distinção social, poder econômico e político, força as pessoas a saírem de suas residências, dos seus locais de habitar. O Passo dos Negros carrega em sua



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

história a invisibilidade dos projetos urbanísticos embora participando como contexto dos mais importantes momentos históricos da cidade.



**Imagem 1** - Foto de Guilherme Rodrigues.<sup>24</sup>

Às margens do Canal São Gonçalo nos deparamos com um lugar onde, desde há muito tempo, coexistem humanos e não humanos de forma constante e próxima. À época das charqueadas as tropas de gado cruzavam o passo para depois serem levadas aos saladeiros localizados às margens do Canal, o qual, servia para escoar a produção do charque. Entretanto, apesar de não existirem mais tropas cruzando Passo dos Negros, nas idas a campo foi possível perceber que os animais não humanos são parte importante daquele lugar. Foi possível observar a circulação de muitos cachorros, gatos, cavalos, pássaros e, até mesmo, alguns porcos pela região. Experimentamos outra temporalidade dos movimentos que nos convidou a contemplar a paisagem, nos chamando para os campos baldios que

---

<sup>24</sup> Pesquisador do grupo Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação.

contrastavam com a dinâmica de um lugar densamente habitado, nos conduzindo para outro modo de estar na cidade.

## 2 – “*Me criei olhando as tropas passar*”: a rota dos caminhos das tropas

Em contraposição à uma concepção de cidade arquitetada dentro de um projeto político, considera-se uma cidade, para além desse projeto político e arquitetônico, constituída por múltiplos agentes com diferentes trajetórias. A elaboração desta referência histórica atenta para os caminhos traçados por meio de passos que moldam espaços e tecem os lugares (DE CERTEAU, 1998, p. 176). Nesse sentido, este texto inicia a caminhada retornando a um ponto da história que marca a elaboração destes caminhos. Ao que segue, apresentamos uma narrativa sobre a economia saladeril e escravista enquanto contexto para a elaboração de uma concepção da região do Passo dos Negros, assim, inserida em um processo histórico. Uma relação com o passado mediada pelo presente, ou seja, são as vozes contemporâneas que estão orientando um encontro com o material referente ao passado (MELLO, 2012, p. 82).

O município de Pelotas, localizado ao sul do Rio Grande do Sul, Brasil, às margens do canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas, se estruturou por meio dos caminhos das tropas (RAMOS, 2013) levando ao período da economia saladeril e escravista momento que marca a ocupação branca do território. Em 1758 é outorgada a carta de sesmaria ao coronel Thomáz Luiz Osório constituindo o chamado “rincão das pelotas”. Por ser uma região de disputa entre espanhóis e portugueses, a coroa portuguesa voltada à expansão do domínio colonial, em prol da expulsão e o massacre dos povos indígenas que ali habitavam, doou sesmarias de campo a militares, líderes de grupos armados e alguns religiosos (GUTIERREZ, 2006). Posteriormente o chamado “rincão das Pelotas” fora dividido em sete sesmarias: Feitoria, Pelotas, Santa Bárbara, São Thomé, Pavão, Santana e Monte bonito sendo este último cuja localização consistia nos limites tendo a leste o arroio pelotas, a oeste o canal santa bárbara, ao sul o canal são Gonçalo e a norte a serra dos tapes. Por conseguinte, fora dividido, em 1780, em 19 datas de terras (GUTIERREZ, 2006; RAMOS, 2013) em que se instalaram as primeiras charqueadas, sendo locais em que se produzia carne bovina salgada e seca ao sol - charque.

O vasto gado existente nos campos neutrais, a facilidade de acesso às redes fluviais forma uma das razões da partilha destes quinhões de terras com vistas a produção de charque. Conforme



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Gutierrez (2006) estas divisões deram-se no mesmo sentido ficando as manufaturas de produção do charque nas margens ribeirinhas – para o transporte do charque e para lançar os dejetos - e ao fundo o limite com as terras destinadas ao logradouro público local em que gado era comercializado.

A instalação das charqueadas considerou a viabilidade do escoamento da produção e recebimento de mercadorias, dentre elas a mão de obra escrava. O transporte fluvial era a opção viável pois a proximidade com a Lagoa dos Patos facilitava o acesso ao Oceano Atlântico. Desse modo, as charqueadas estavam ligadas as demais regiões do Brasil e ao mercado mundial (ROCHA, 2014; MAESTRI, 1984). Aproximadamente 40 indústrias charqueadoras se instalaram na região da atual área urbana do município de Pelotas, às margens do canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas.

No decorrer do século XIX, durante o auge da produção de charque, Pelotas teve grande concentração de mão de obra escrava considerando que a produção para o mercado externo demandava significativa mão de obra. Além disso, o abate e processamento de um boi demandava uma série de pessoas especializadas (RODRIGUES, 2015). À época, o Passo dos Negros, às margens do canal São Gonçalo, foi um local de embarque e desembarque de pessoas escravizadas que desembarcavam dos navios negreiros no porto do Rio Grande e se deslocavam via lagoa dos patos entrando no canal São Gonçalo para serem comercializadas no Passo dos Negros e encaminhadas para outros dos diversos pontos de comercialização (ROSA, 2012, ROCHA 2014, RODRIGUES, 2015). A tão grande concentração de negros “acolherados e levas como tropa em leilão” (DE LEON, 2001) levou a região a receber esta denominação de Passo dos Negros.

O termo “passo” indica um lugar, no curso de um rio, canal ou riacho, que serve para passagem de humanos e animais. Nesse sentido o local também se constituía como lugar de passagem dos rebanhos animais que se deslocavam, das fazendas da região sul, das chamadas vacarias del mar e também do Uruguai. Tropeiros, cavalos, cachorro e bois atravessavam o canal onde iniciavam a trajetória pelo Corredor das tropas que levava ao centro de comercialização, denominada Tablada. Conforme De Leon (2001) a estrada ficava congestionada com o intenso fluxo de tropas (de humanos e animais). A Tablada fora construída de maneira que ficasse contígua ao fundo das áreas das charqueadas e, assim, o gado vendido se deslocava por dentro da propriedade até o lugar de abate, entretanto, alguns saladeiros, localizados as margens do canal São Gonçalo não estavam ligados à área da tablada, tendo os tropeiros fazer uso do corredor das tropas para se deslocarem. Assim, havia encontro de tropas de gado sendo que uma aglomerava para deixar a outra passar. Este intenso

## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

movimento danificava as estradas e, sendo a região marcada por banhados, em 1820, a câmara de vereadores solicitou aos charqueadores a disponibilização de negros escravizados para a construção da ponte de pedra que hoje é uma das referências ao passado de escravidão da cidade.



**Imagem 2** -Travessia do São Gonçalo para as charqueadas de Pelotas (Jean Baptiste Debret) – Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo27>. Acesso—25desetembrede2015.

Seguindo os caminhos das tropas estas chegavam à Tablada para serem comercializadas. Hebert Smith (1922), naturalista norte-americano que viajou pelo Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX descreve o processo de maneira tão instigante a atenção de quem lê, que decidimos colocar a sua descrição do ambiente da tablada e o caminho que o gado tomava depois de vendido:

Uma das mais características e ao mesmo tempo mais selvagens e interessantes vistas de Pelotas é a Tablada. Chama-se assim um descampado extenso e quase liso, onde de dezembro a maio se vendem as manadas que chegam. Algumas trazem quinze dias de viagem. Pôde haver aqui ao mesmo tempo umas vinte datas, cada uma de centenas de cabeças; rudes gaúchos, vestidos com a habitual camisa de chita, ceroulas fofas ou bombachas e ponchos riscados, galopam em todas as direções, conservando os animais nos lugares e impedindo que se misturem as tropas; o gado, cansado do longo caminho o espantado da cena estranha, conserva-se junto, movendo os chifres e urrando em tom de queixume. Os donos das charqueadas movem-se rapidamente aqui e ali em belos cavalos, examinando as várias tropas, calculando-lhes o valor com rapidez e precisão admiráveis, e fechando os negócios ás pressas com estancieiros e peões. O mercado é sempre ativo, porque a concorrência é muito forte



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

entre os vinte ou trinta charqueadores; em geral as boiadas inteiras estão vendidas pouco tempo depois de chegadas.

Imediatamente levam-nas para uma das charqueadas junto ao rio, onde as prendem algumas vezes por muitas horas, em cercados que se chamam *mangueiras*. Estas se adelgçam em ponta numa das extremidades, onde comunicam com um curral menor chamado *mangueira da matança*, capaz de conter trinta cabeças do gado juntas, afocinhando em ambas as extremidades, fortemente cercado, com um pavimento de pedras lisas ou chaprões inclinados para a extremidade oposta à entrada; por fora da cerca, e rodeando-a, há um passeio de taboões para os trabalhadores.

A matança em geral é de manhã. Cheia de gado a mangueira da matança, fecham-na, e atira-se um laço ao chifre ou à cabeça do animal; este laço, passado por um moitão, é preso a uma junta de bois ou cavalos, os quais são tangidos imediatamente do curral, arrastando o animal laçado, pelo declive escorregadio até em baixo: aqui fica diretamente debaixo da mão do desnucador, que levanta um punhal comprido e muito afiado e embebe-o no pescoço do animal, geralmente entre o atlas e os ossos occipitais. Este golpe não mata instantaneamente, porém priva de toda sensibilidade; o animal cai em um carro de plataforma, que é contínuo com o soalho da mangueira; levanta-se uma porta, tira-se rapidamente o carro, descarregam-no e põem-no de novo no lugar, a tempo de receber outro animal que, entretimes, foi laçado. A operação inteira leva cerca de um minuto, e muitas vezes num só estabelecimento no mesmo dia matam-se 600 e 700 cabeças de gado.

A carcaça, puxada do carro por um homem a cavalo, está agora no grande edifício em que são executadas as operações restantes, quase sempre por escravos. Esfolam-se rapidamente o couro, tomando cuidado, ao abrir o pescoço, de enterrar uma faca no coração, que ainda bate. Acabada a esfolação, tira-se limpamente a carne dos ossos em oito pedaços, que são lançados em estacas horizontais; dois trabalhadores hábeis cortam-na e retalham-na então de maneira que cada pedaço fica reduzido a espessura uniforme de cerca de quinze milímetros. Para esta operação emprega-se um verbo especial — charquear — e d'ele derivam os substantivos charque, charqueada, charqueador. (SMITH, 1922, p 137 e 139)

Ester Gutierrez (2006) escreve o estranhamento dos viajantes que cruzaram a região. O cheiro horrível nas águas com ilhas de sangue em putrefação e de carne apodrecendo nos campos alimentando uma multidão de cães selvagens e de abutres que viviam sobrevoando a região. O estranhamento de Smith é emblemático. Uma cidade “rica” e “prospera” marcada, às suas margens, pela impressão horrível da morte, da dor, da sujeira, do cheiro de carne apodrecendo.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Ha um não sei que de revoltante e ao mesmo tempo cativador nestes grandes matadouros; os trabalhadores negros, seminus, escorrendo sangue; os animais que lutam, os soalhos e sarjetas correndo rubros, os feitores estólidos, vigiando imóveis sessenta mortes por hora, os montes de carne fresca 'dessorando', o vapor assobiando das caldeiras, a confusão, que, entretanto, é ordem: tudo isto combina-se para formar uma pintura tão peregrina e horrída quanto pôde caber na imaginação. De toda esta carnificina dimanou a riqueza de Pelotas, uma das mais prosperas entre as cidades menores do Brasil. (SMITH, 1922, p 140)

A partir do século XX tem-se a decadência do ciclo do charque e a emergência de novos ciclos de produção tais como a introdução de novos cultivos como o arroz e a transformação de algumas charqueadas em frigoríficos seguindo a circulação das tropas junto as transformações da cidade até meados da década de 1980. Nesse sentido, que a história passa a ser contada pelas narrativas do artesão Camilo Pereira. A casa/oficina do Camilo fica próxima ao campus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada a beira do São Gonçalo. Anteriormente o local foi a charqueada de Brutus Almeida que, em 1916, sediou o primeiro frigorífico gaúcho denominado “Companhia Frigorífica Rio Grande” vendida, em 1924 e ficando desativada até 1942, quando iniciaram as obras de construção e adequação de um novo Frigorífico chamado Anglo. A estrutura permitia o abate diário de mil bovinos, quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves. No local em que o artesão reside ficavam as entradas das mangueiras em que colocavam o gado antes de serem abatidos.

Camilo é um artesão reconhecido no Rio Grande do Sul por suas esculturas em madeira que representam as lidas campeiras – saberes e modos de fazer pecuário. O próprio artesão foi peão campeiro e diz que o que aprendeu nessas atividades é a inspiração para as formas que esculpe. Não é a junção de peças separadas, mas em um só tronco de madeira, se molda toda a forma: carreta, bois, cangas, cabeçalhos e o carreteiro com a guiada. Em volta da oficina encontram-se estantes penduradas na parede contendo algumas esculturas de cavalos pulando, peões laçando bois.

O escultor nos contou que havia iniciado na arte de desenhar, mostrando-nos alguns desenhos que fizera, embora sua preferência fosse pelo artesanato em argila, retirando o barro sovado pelas tropas que passavam em frente à sua casa para construir a cerâmica. Mais do que isso, atribui seu gosto pela arte e pelas lidas campeiras a partir do encanto gerado pela passagem das tropas.

*Eu me criei olhando as tropas passar. Era bastante gado. Aquilo custava a passar e a gente ficava olhando. Eu me encantava – veja a tendência já da coisa. [...] aquilo era boi, boi... e não parava de passar boi e nos torcendo para que eles descem de*



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

*volte. Sabe, as vezes acontecia de dar um estouro e as tropas voltarem correndo para trás. A gente era guri e gostava de ver aquilo. (Entrevista em 16 de fevereiro de 2017)*

Dialogando com Michel Agier (2011) em sua concepção do desenhar a cidade pelas mãos do antropólogo, experienciamos o artesão rabiscando para nós, no chão de cimento de sua oficina, as trajetórias das tropas pela cidade até a área do frigorífico.

*As tropas vinham lá da São Francisco de Paula [antigo corredor das tropas], passavam no pontilhãozinho [ponte dos dois arcos] e [entravam] na avenida cidade de Rio Grande. Chegando a rótula subiam a Tiradentes, até o portão. Esse portão que era o local de entrada para a área do frigorífico. Ali apartavam a cavalo cem bois de um, duzentos de outro. Depois passavam nas balanças e já vinham para as mangueiras que ficavam aqui na frente de casa. (Entrevista em 16 de fevereiro de 2017)*

Assim, concebemos a agencia dos animais na construção do lugar enquanto seres que compartilham o mundo com os humanos. Conforme Andrea Osório (2015) os animais fazem a história a partir da interação com os humanos. Além disso, a própria noção de “história dos animais parece tentar se afastar da cômoda zona de conforto do estudo das representações humanas para ingressar no turbulento território em construção dos animais como agentes subjetivos, sensórios e dão significado ao seu mundo.” (Idem, p. 91).

### 3 – Ao passo de humanos e outros animais

A van da universidade para em frente a um antigo engenho de arroz cujo o início das atividades remonta ao final do século XIX. Somos recebidos por diversos cachorros que passam a nos acompanhar por toda a caminhada. Junto a nós eles caminham pelas ruas, correm pelos banhados nos campos baldios, brigam com outros cães e habitam o lugar sem nenhum empecilho. Cruzando uma pequena ponte de madeira em estado de ruínas alguns moradores, charreteiros, gritavam em tons de zombaria sobre a possibilidade desta ponte quebrar. Nosso grupo segue em direção até a antiga ponte que marca a memória das pessoas que residem no local. A ponte dos “dois arcos” construída ao final do antigo corredor das tropas remete os moradores ao passado, pois fora “*construída pelos escravos*”. No presente, está sofrendo ameaças pela presença de um bairro residencial construído a pouco menos



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

de 20 metros. O Bairro é separado do local por um grande muro o qual marcava as narrativas dos vendedores dessas moradias como a segurança de que não haviam ameaças e possibilidades de interações com as pessoas que ali residiam.

Quando estamos na ponte somos recebidos pelo Seu Pedro que vive no local a mais de 40 anos. Observamos em volta da ponte a presença de tartarugas e pássaros nos juncais que escondem um canal com mais de 5 metros de profundidade. Por baixo desta ponte cruzam as águas que vão desembocar dentro do canal São Gonçalo. Seu Pedro lamenta que antes da construção do condomínio ao lado, haviam muitos peixes jundiás neste pequeno canal, entretanto, o esgoto vindo das casas do condomínio passou a ser jogado dentro do canal o que ocasionou a morte destes peixes.

Seu Pedro possuía cinco cavalos que habitavam os terrenos baldios, sendo animais de tração para fretes e recolhimento de resíduos sólidos pela cidade. O terreno onde deixava seus cavalos era propriedade de um grande produtor de arroz, porém esses campos nunca tiveram cercas e os proprietários não se preocuparam em fechar. Ao ser perguntado sobre a relação com os grupos de proteção animal respondeu que nunca teve embates: *“Qualquer lugar que tiver que ir o cara vai. Nossos cavalos não são rachando de gordo, mas não são magros pois damos ração para eles.”* Para ele, a questão do bem-estar animal está vinculada a ter um cavalo em condições de puxar a charrete. Há muitos cavalos nos campos e, devido a isso, tem-se uma precariedade de pastos sendo necessário, para aqueles que tem condições financeiras, suplementar com ração.

Por conseguinte, a pergunta sobre a questão dos grupos de proteção animal se insere em um contexto em que a cidade discute – grupos de proteção e poder público - a substituição das carroças, puxadas por tração animal, por outras formas alternativas. Andréa Osório (2013) discorre sobre a noção de que com o processo de modernização das cidades o lugar dos animais passa a não ser na rua, mas o ambiente doméstico. No processo de modernização entre os séculos XIX e XX alguns animais não humanos considerados nocivos às pessoas ou à modernidade da cidade, eram exterminados pelo poder público. A partir da segunda metade do século XX, há uma alteração nas relações entre Estado e animal passando, do extermínio, para uma noção de “posse responsável”, sendo a fase de prevenção ao abandono. O Estado passa regular as relações a partir de uma concepção que considera que são os humanos os seres nocivos aos outros animais. Porém, embora sejam diferentes concepções, elas estão levando a ideia de que a rua não é o local para a presença e circulação dos animais não humanos.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O diálogo com a autora se dá no sentido de o vilarejo não ser considerado pelos moradores como cidade. No plano diretor do município a região encontra-se no perímetro urbano dentro da subdivisão administrativa São Gonçalo. Retomando nossas conversas com Camilo Pereira, este aluga uma “*chácara*” no Passo dos Negros onde coloca seus cavalos de montaria. Camilo frequenta diariamente a sua *chácara*, que fica a 5 minutos de carro do lugar em que reside e possui sua oficina. Em nenhum momento se referiu da maneira como as pessoas na região dizem quando vão para o meio rural que é usar a expressão “*ir para fora*”. Aliás, em sua hospedaria em diz fugir do “*forno da cidade*” indicando os barulhos de carros, a violência e a própria temporalidade no que considera cidade. Nesse sentido que o diálogo com Andrea Osório se faz interessante considerando que os animais compartilham as ruas com os humanos que não consideram o lugar como cidade, sendo suas presenças, de certa forma, aceitas.

Os cavalos não são, em sua maioria, utilizados para trabalho. Em nossas caminhadas encontramos hospedarias para cavalos, nas quais os proprietários destes animais alugam espaços ou têm permissão dos responsáveis dos campos para deixarem seus animais. Nas proximidades destes lugares, também passeiam com seus cavalos, seja pela estrada, seja galopando pelos campos. Em certo momento, nos deparamos com um senhor que segurava um cavalo por uma corda enquanto este pastava. Seu Odilon residia num bairro próximo e criava quatro cavalos. Quando o encontramos, estava cuidando sua égua de montaria chamada “Estrela”. No decorrer da conversa enfatizou a docilidade da Estrela: “*Foi mansinha desde pequena. Consegui ela, acho que ela tinha uns 7 meses.*” Onde mora, a transformação do lugar tirou os espaços para esses animais. Por isso, deixa seus cavalos nas áreas de campo que tem no Passo dos Negros. Nos contou que os cavalos são criados pelos moradores do Passo e de localidades próximas “*Só por ter mesmo, para passear, para dar uma banda de vez em quando (...).*”

Não somente os animais são aceitos pelas pessoas que habitam o lugar como também é contexto onde as pessoas que querem se desfazer de seus bichos de estimação, utilizam para largá-los. A presença de animais nesta situação mobiliza a ação de entidades protetoras dos animais que, dentro das concepções etnografadas por Andrea Osório (2013), objetivam diminuir a presença destes nas ruas.

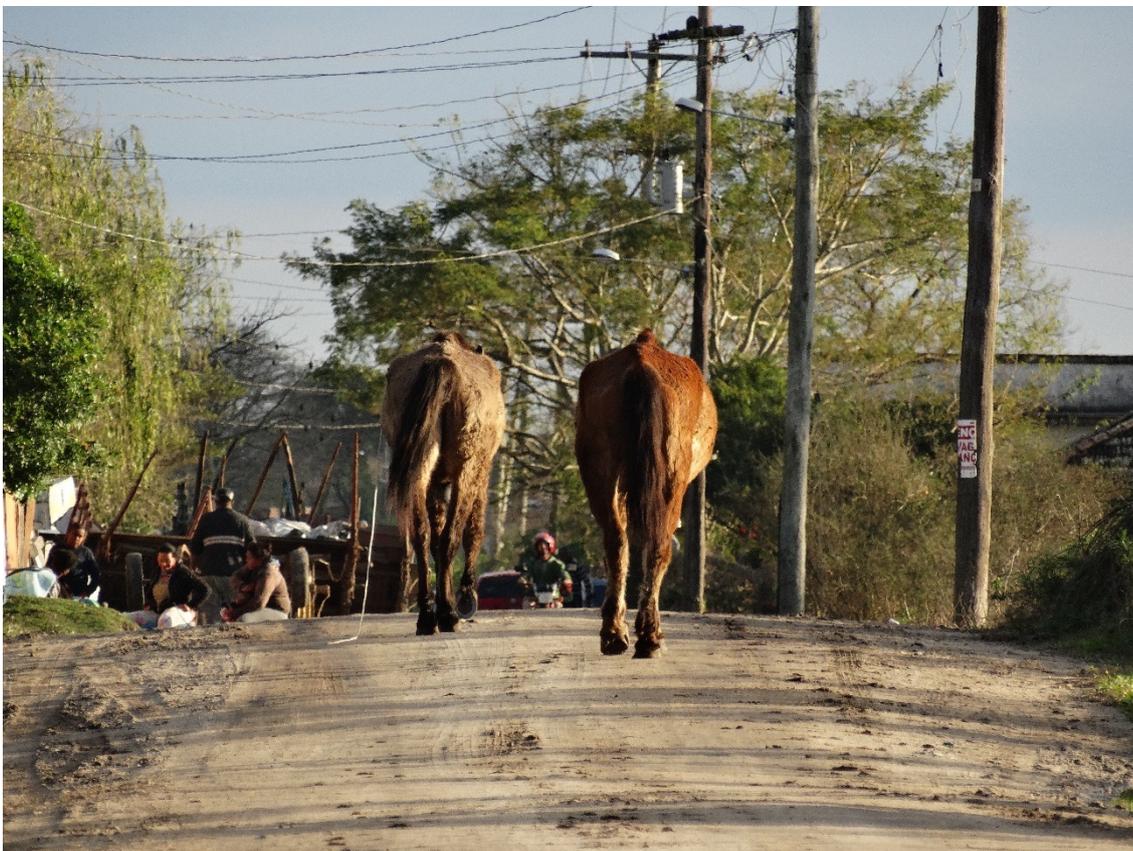
*Tem uma moça que vem aqui sempre, até ela é vereadora agora. Ela vem, trata os cachorros, faz campanha para castrar as cadelas, cachorros e gatos. Para diminuir*

## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

*um pouco porque é um horror de bicho que tem aqui. As pessoas jogam os bichos fora tudo aqui. Aí vem dar comida, alimenta esta bicharada toda, traz remédios, faz tudo aí. (Entrevista em 12 de junho de 2016).*

O tempo é constituído por este caminhar dos animais junto às pessoas. Alguns cavalos soltos caminhavam em duplas ou grupos pelas ruas sem nenhuma intervenção humana. Suas presenças recalcitrantes (des)fazem o lugar em constante transformação pelos seus movimentos. Detêm um modo de viver em interação que se constituem enquanto experiência de habitar.



**Imagem 3** – Foto de Guilherme Rodrigues.

Mas a rua não deixa de ser um lugar de risco e, nesse caso, também para os humanos. A emblemática presença de um “fio de gato” que, jogado ao chão próximo a uma valeta em paralelo a estrada, leva energia para os lugares que as políticas públicas não chegaram. Este fio gera a possibilidade de morte, tanto para humanos, quanto para os outros animais. A narrativa de uma senhora que reside na última casa que possui energia elétrica traz questões interessantes para o



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

compartilhamento de vidas. Ao ser perguntada sobre os riscos de choque ela nos falou que já morreram vacas, cachorros e cavalos por acidentes com este fio. As pessoas também arriscam suas vidas como é o caso de uma moça grávida que concertou os fios:

*Outro dia uma guria ali, grávida, com uma barriga enorme. Chovendo e ela lá arrumando os fios. Deu curto e o fio rebentou. Ali ela pegou o fio a mão desencapou com o alicate, torceu com este alicate e jogou em cima do capim, sem uma fita isolante, nem nada. (Entrevista no dia 12 de junho de 2016)*

A mesma sorte não teve uma vaca prenhe que pastava no local. A interlocutora enfatiza o fato com o espanto de o animal está na mesma situação de estar gestando uma nova vida:

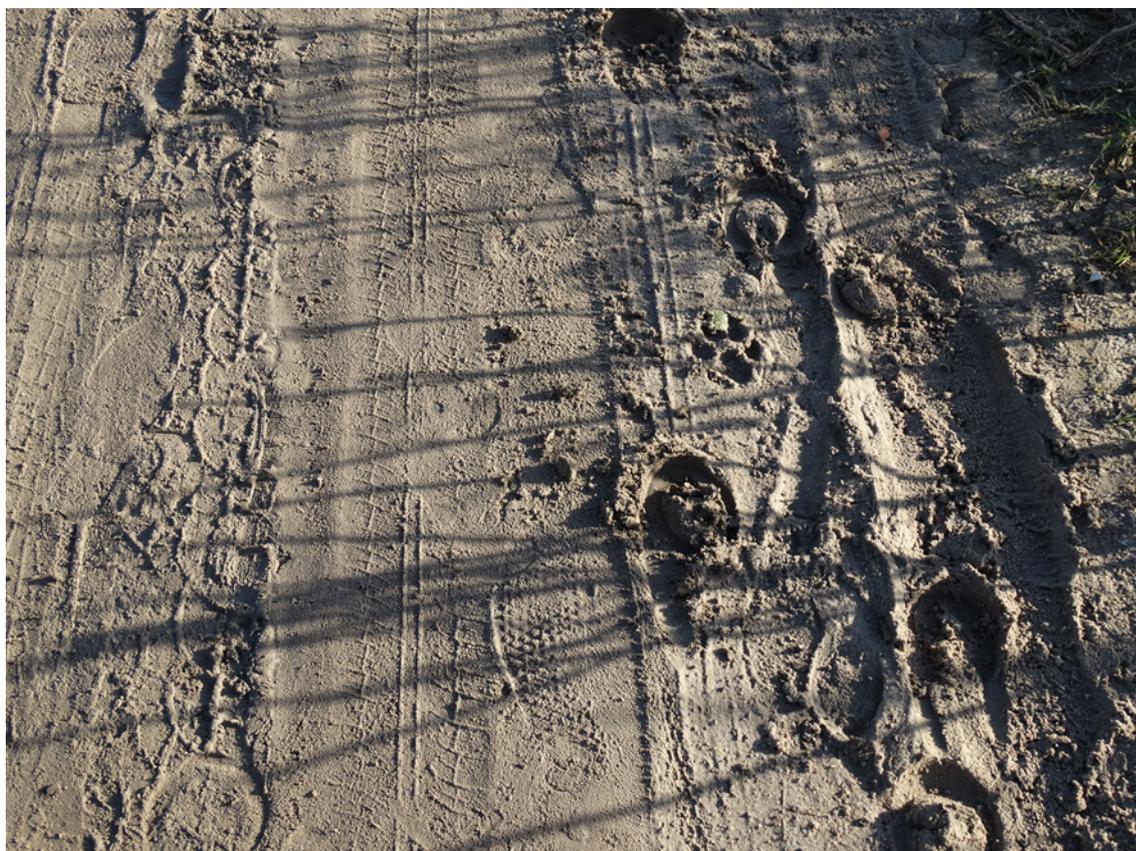
*Teve uma época que estava dando choque na rua. Aí foram ali e deram uma ajeitada. Agora não está dando choque. A vaca, coitada, deus me perdoe. A vaca, prenhe, pronta para dar cria. Sabe o que fizeram? Puxaram ela mais para lá e carnearam para comer a carne. O bicho morreu eletrocutada, grávida, ficou acho que tres horas ali e depois carnearam. Que perigo! Os cachorros morrem e eles atiram dentro do canal.”*

A noção de “pobreza como risco” (SEGATA, 2015) ultrapassa para além do humano, para os não humanos que vivenciam o lugar destituído de políticas públicas básicas como energia elétrica. Esta senhora, refere-se ao fato de a empresa considerar como fator para instalarem energia elétrica em tal lugar, a compra e implantação de no mínimo três postes de luz cujos os valores são acima do poder de compra dos habitantes que, assim, preferem fazer o “gato”:

*“A CEEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica] disse para mim que para resolver isso eu tinha que fazer uma denúncia formal e assinada para eles vim retirar. Eu disse que não ia fazer porque não queria me incomodar. Aí eles [ a CEEEE] vem, arrancam os fios e os caras ligam os fios de novo e é eu que vou ficar queimada. E daqui para lá tem uns quantos que vivem só de roubo. Podem vir em minha casa e roubar. Eu não vou estar arrumando incomodarão com este tipo de pessoa.”*

#### 4 – Considerações finais

“Tecer a rede” (FREIRE, 2006) implica em descrever as conexões entre os atores – humanos e não humanos - que deixam traços ou efeitos visíveis em outros agentes, ou seja, quando se tornam parte na construção de uma rede de relações. No contexto do vilarejo do Passo dos Negros, localizado na região sul da área urbana de Pelotas/RS, atentamos para a maneira como os humanos e outros animais tem suas experiências cruzadas, dentro de um processo histórico e cultural, produzindo a cidade. A existência de tais coletivos remonta à época das charqueadas enquanto contexto de circulação das tropas de gado bovino, que cruzavam o lugar com seus berros “queixosos” e cansados sendo tocados aos gritos pelos tropeiros montados em cavalos e auxiliados por cães, em direção a tablada ou aos matadouros localizados às margens dos rios. Atualmente, ao vivenciar o lugar, percebemos nas ruas e nos terrenos baldios o compartilhamento de vidas pela circulação de animais junto às outras pessoas, automóveis e motocicletas, e de risco de morte e de doenças que a contaminação dos canais e do próprio São Gonçalo podem trazer. Embora ainda não se retirou dos animais não humanos a responsabilidades por suas próprias vidas, dando-lhes o “direito à cidade” (OSÓRIO, 2013; AGIER, 2015) o avanço do capitalismo imobiliário poderá retirar tais direitos dados tanto aos humanos quanto, aos outros animais.



**Imagem 4** – Foto de Guilherme Rodrigues

## 5 - Referencias

ALFONSO, L. P.; Ortiz, S ; SEGER, D ; PEREIRA, I. K. S. ; ARAUJO, J.M. Aflorando memórias: narrativas de escravidão do Passo dos Negros. In: **XVIII Congresso da SAB, 2015**, Goiânia. Livro de Resumos XVIII Congresso da SAB, 2015.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

DE LEON, Z. P. Pontes. **Viva o Charque**. Disponível em: <http://www.vivaocharque.com.br/cenarios/pontes.php>. 2001. Acesso em 27 de dezembro de 2016.

DEVOS, R. V.; POTY, V; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Os seres da mata e sua vida como pessoas**. 2010. (Documentário Etnográfico)

AGIER, M. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer cidade: o antropólogo, a margem e o centro. *MANA*, 21(3), p. 483 – 498, 2015.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. *Comum*, v.11, n.26, p. 46 – 65, 2006.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, pag. 05 – 21.

GEEUR. **Terceiro Ciclo de Estudos**: cidade, margens e materialidade. Projeto de ensino, 2016.

GUTIERREZ, E. J. Sítio Charqueador Pelotense. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2006. pp. 231-256.

INGOLD, T. The Architect and the Bee: Reflections on the Work of Animals and Men. *Man, New Series*, Vol. 18, No. 1, p. 1-20, Mar., 1983.

\_\_\_\_\_. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Junho de 1995.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede.

Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LEI Nº 4.977, DE 14 DE OUTUBRO DE 2003. Institui o Roteiro das Charqueadas como referência cultural e dá outras providências.

LIMA, D.V. **“Cada doma é um livro”**: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015, 146f, Dissertação (Mestrado em Antropologia), ICH, UFPel, Pelotas.

LIMA, D.V.; ARAUJO, J. M.G.; ALFONSO, L. P.; RIETH, F. Ao passo de humanos e cavalos: etnografia na localidade Passo dos Negros em Pelotas-RS. **Anais do XVIII Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, 2016.

MAESTRI, M. J. **O Escravo no Rio Grande do Sul**: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Porto Alegre: EST (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes); Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

MELLO, M. M. **Reminiscências dos Quilombos**: territórios da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 267p.

OSÓRIO, A. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **TEORIA E SOCIEDADE**, nº 21.1 - janeiro-junho de 2013.

\_\_\_\_\_. Entre o real e o representado: um debate na história dos animais. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n.1, p. 75 – 94, 2015.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida, **Ponto Urbe**, 2 , 2008.

\_\_\_\_\_. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, I. K. S.; SEGER, D. D.; ORTIZ, S. F.; ALFONSO, L. P. **O passo dos negros**: desafios da etnografia coletiva em um projeto de extensão. *Anais do Congresso de extensão e cultura*, Pelotas, 2016.

RAMOS, S. M. P. **Estrutura urbana histórica**: A importância dos primeiros caminhos e sua permanência na estrutura urbana de Pelotas, RS. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2013.

ROCHA, M. G. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)**. Pelotas: UFPEL - Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio Cultural (Dissertação de Mestrado), 2014.

RODRIGUES, M. B. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”**: uma arqueologia documental de mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Instituto de Ciências Humanas / Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, junho de 2015.

ROSA, E. J. **Paisagens Negras**: arqueologia da escravidão nas charqueadas de Pelotas (RS, Brasil). Pelotas: UFPEL – Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio Cultural (Dissertação de Mestrado), 2012.

SEGATA, J. O que faz um animal de estimação na antropologia? *Revista novos debates*, vol. 1, n. 2, p. 123-130, 2014.



**VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**  
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

\_\_\_\_\_. A doença socialista e o mosquito dos pobres. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 372-389, ago/dez, 2016.

SILVA, L. B. M.. **Entre lidas**: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Mestrado (PPGA). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2014.

SMITH, H. **Do Rio de Janeiro a Cuyabá**: Notas de um naturalista. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.